



# A HORA DA CIÊNCIA

QUEM ESCREVE

Buscar neste blog



PANDEMIA

## Não há mal que sempre dure

Por Patricia Rocco • 29/05/2020 • 04:30



Homem e criança de máscara em Pequim | NICOLAS ASFOURI / AFP



Homem e criança de máscara em Pequim | NICOLAS ASFOURI / AFP

A Covid-19 é uma doença que apresenta, em sua forma grave, alta letalidade. Durante muito tempo, acreditávamos que os pacientes que sobreviviam não apresentariam sequelas. Após cinco meses dessa doença, sabemos que pacientes podem evoluir com fibrose pulmonar, acidente vascular encefálico isquêmico ou hemorrágico e disfunção de órgãos como coração e rim, acarretando piora significativa da qualidade de vida.

### **Mais do blog:** A telemedicina e o novo normal

Sentimos diariamente a dor da perda de familiares e amigos. A dor do outro. Sentimos a dor da distância da família e dos amigos. Sentimos medo. Medo de não acabar esse isolamento. Medo de as autoridades findarem o isolamento social, e a certeza do aumento do número de mortos. Medo de ter a doença. Medo de ficar isolado em uma Unidade de Terapia Intensiva sem receber visita. Medo de morrer sozinho. Medo de não poder enterrar nosso familiar.

Essa insegurança não é somente nossa, mas de qualquer profissional da saúde, que está tratando seu paciente à beira do leito. Médicos, enfermeiras e fisioterapeutas não podem ficar em casa. Todo dia, ao retornar ao lar, a pergunta é uma só: será que me contaminei e irei contaminar meu companheiro, minha filha e meus pais?

Aliada ao medo, vem a culpa. A culpa de contaminar alguém, a culpa por não ter conseguido salvar aquele jovem, aquele pai ou mãe de família. Vivemos em um mundo de escolhas cruéis. Qual paciente deverá ser salvo? Não tenho leitos na UTI, não tenho ventilador mecânico para todos. Temos medo de morrer de falta de ar. Será que me escolherão para ser salva?

Fica difícil, em meio a tanta tristeza, ver algo de bom. No entanto, olhar nossos filhos ainda saudáveis e a possibilidade de tê-los próximos é uma dádiva. A solidariedade da população foi despertada, os povos se uniram, as guerras acalmaram. Afinal, esse coronavírus causa mais mortes do que a guerra. O governo e a sociedade voltaram a respeitar a ciência, tantos anos sucateada.

Será que, depois da pandemia, a ciência continuará a ser respeitada? Nós cientistas, em cinco meses, entendemos a patogênese da doença, desenvolvemos vacinas que poderão vir a nos tirar definitivamente do isolamento, e testamos diversas drogas que melhoraram o prognóstico dos pacientes com Covid-19. Os cientistas de diversos países compartilham condutas que deram certo ou errado, propiciando que não cometamos os mesmos erros. Aprendemos muito com a China, Itália, Espanha e, mais recentemente, com os Estados Unidos.

Países desenvolvidos e subdesenvolvidos se tornaram iguais frente ao novo coronavírus. Esse vírus nos iguala. Ele não privilegia classe social, etnia ou orientação sexual. Ele mata sem nenhum remorso.

Recente pesquisa mostrou a importância do profissional de saúde, que passou a ser valorizado. Por fim, vamos superar tais adversidades: não há mal que sempre dure. Antevejo, na fusão desses medos relatados, dessa solidão infunda num leito de hospital, o renascer da esperança, o celebrar da vida.

Compartilhe:



COMENTE

